



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DO ESTILO DO FUTEBOL BRASILEIRO AOS MANUAIS DE SEU ENSINO

Hugo Rodolfo Lovisolo
UNISUAM/UERJ
lovisolo@globo.com
Carlos Coelho Ribeiro
UFJF
c.marola@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O Brasil ostenta, diante do público interno e externo, a fama de ter o melhor futebol do mundo. A construção desta imagem possui uma história que abrange parte considerável do século XX e é referendada quantitativamente pelos prêmios ganhos em competições internacionais e a exportação de jogadores e de técnicos. Neste artigo partimos da hipótese de que existe uma escola de futebol brasileiro prestigiada por dois motivos, por vezes entrelaçados, estética e eficiência.

A arte do jogo, o jogo bonito tornou-se centro da identidade do futebol brasileiro (HELAL e LOVISOLO, 2007). Tornou-se habitual, portanto, falar do futebol em termos artísticos quer pelos próprios esportistas, os acadêmicos e os jornalistas, entre outros. Chamado de *futebol arte*, ou jogo bonito, o estilo brasileiro de jogar é constantemente, comparado com o de outras escolas, especialmente as escolas européias que são adjetivadas de *futebol força* LEAL (2001). A noção de estilo ganhou relevância.

Drubscky (2003), comparando o estilo de jogo apresentado na Itália e Espanha, realizou uma observação importante:

Apesar de a Espanha e a Itália estarem no mesmo continente e sofrerem influências parecidas quanto ao estilo de jogo, cada país tem impregnado ao seu futebol particularidades de uma cultura doméstica desenvolvida durante muitos anos. São detalhes pequenos ou expressivos, que devem ser relevados [...] (Idem, 2003, p.71)

Não raro as afirmações sobre os estilos nacionais ou regionais, sobre as singularidades na prática do futebol, aparecem contrapostas com a ideia da uniformização na globalização das estratégias e do treinamento dos atletas. O próprio



2

Drubsky (2003) declara que “o jogo de futebol está parecido em todo mundo”, baseando suas conclusões em um estudo próprio. Há, portanto, uma tensão entre os estilos nacionais, constituídos no passado, e as exigências da globalização do jogo em todas suas dimensões e processos, desde o aprendizado ao espetáculo.

Um terceiro aspecto, significativo para nossa argumentação, é que na explicação do estilo, ao qual se associa o prestígio no caso do Brasil, ganha relevância a contraposição ou junção entre o intencional e o não intencional, o adquirido na formação consciente e aquilo que vem do berço Trinidad (1975) transcreve um depoimento de Zagalo, sobre o talento e a magia do futebol brasileiro, como idiossincrático ou natural, em oposição ao trabalho consciente naturalmente associado com escolas e treino.

Interessa-nos neste artigo percorrer os manuais que tratam do futebol e de seu ensino tendo em mente a seguinte questão: como são explicadas as diferenças de estilo e quais as razões para falarmos do futebol arte ou jogo bonito atribuído ao futebol brasileiro? A amostra foi formada por 21 manuais nacionais e 21 estrangeiros.

A RUA: ESSE LOCAL FANTÁSTICO DE PRODUÇÃO DO ESTILO

Vários autores recorrem ao discurso de que a rua (ou a várzea) foi, e continua sendo a principal fonte de referência no aprendizado do futebol e, as brincadeiras que se praticam nela, são as principais influenciadoras no repertório das capacidades técnicas dos jogadores brasileiro (Scaglia 1999; Freire 2003) Propõe-se que, na elaboração das planilhas de treinamento, ao serem relacionadas às atividades a se desenvolver nas sessões de treino, se resgatem as brincadeiras de rua, como forma de estimular e desenvolver a criatividade e a ginga que delas viriam. De fato, os autores não analisam qual o tipo de formação têm na atualidade os melhores jogadores de futebol nem sua diversificação (futsal, futebol de areia, etc.). Nos manuais brasileiros alguns autores repetem um saber comum do futebol, conduzem seus discursos no sentido de que a brincadeira de rua, tão comum no Brasil, faz a diferença em favor do estilo de futebol nacional. No caso dos manuais estrangeiros, sobre este mesmo tema,



3

encontraram-se também referências funcionais aos jogos de rua, mas, não é referendada tal prática como meio produtor de um estilo nacional de jogar futebol.

A questão que fica é a de que se o aperfeiçoamento de capacidades específicas do futebol precisa ser realizado com muito tempo de exercício, como então fazê-lo com exercícios, os quais a rua não comporta?

Dos manuais selecionados apenas 5 dos 21 brasileiros e 2 dos 21 estrangeiros fazem referência a ao aprendizado na rua. O percentual das referências é baixo. O mito da rua, embora forte nas conversas da mídia e da própria rua, não parece ser altamente significativo para os autores dos manuais.

AS DAS ESCOLAS DE FUTEBOL SEGUNDO OS MANUAIS

Os autores quando operam sobre coletivos, usam com maior frequência a denominação de escola. Mais adiante nos referiremos ao estilo visto como características individualizantes. Tal uso cria tensão. Por exemplo, o drible pode ser entendido como uma característica da escola, contudo, apenas alguns jogadores são expertos na arte de driblar. Segundo Damo (2002), a identidade do futebol brasileiro foi construída a partir de uma série de oposições, tendo como pano de fundo, suposto valores europeus e as oposições religiosas.

Futebol brasileiro	Futebol europeu
Artístico	Competitivo
Espetáculo	Eficiência
Dionisíaco	Apolíneo
Barroco	Clássico
Intuitivo	Racional
Natureza	Cultura
Dom	Aprendizado
Rua	Clube/Escola
Jogo	Esporte
Individual	Coletivo
Agilidade	Rigidez
Habilidade	Força
Malandro	Caxias
Futebol-arte	Futebol-força
Candomblé/Umba	Catolicismo/Protest



Os elementos descritos, no quadro anterior, são importantes para se compreender o cerne da questão do estilo. Tudo indica que sentimos que as diferenças existem, entretanto, não a podemos traduzir em termos operacionais para a pesquisa e para a formação, com a qual supostamente os manuais pretendem contribuir. O futebol brasileiro “artístico” é muito competitivo e eficiente sob o ponto de vista dos resultados. Onde colocar um Pele ou Zidane em cada oposição? As categorias pareceriam estar muito mais vinculadas com as polêmicas do que à técnicas e ao treino. Apesar de cotidianamente encontrarmos, no contexto literário ou mediático do futebol, discussões às vezes acaloradas sobre estilo e escolas de futebol, poucos são os autores que abordam esta temática nos manuais e, mais uma vez, sem muito aprofundamento. No caso da amostra, apenas quatro autores nacionais e igual quantidade de estrangeiros trataram do tema.

AS ABORDAGENS SOBRE O ESTILO NOS MANUAIS

As abordagens sobre estilo, encontradas nos manuais nacionais, apresentam duas vertentes: a primeira trata a questão como uma característica individual do jogador; a segunda coloca o estilo vinculado às questões táticas e aos sistemas do jogo adotados pelas equipes. Já os manuais estrangeiros pouco se referem ao tema estilo, apenas os manuais 15e e 16e definem estilo como relação ao sistema de jogo¹.

A maior parte das discussões sobre o tema é recheada de opiniões permeadas pelas impressões pessoais de quem as emite. O fato relevante é que em um país --onde a questão está tão intimamente ligada à imagem que se tem do futebol e dos jogadores-- poucos trabalhos versem sobre o assunto. Por serem pouco esclarecedoras as explicações para a problemática do estilo apresentada pelos manuais e ainda haver muita discussão sobre o mesmo no ambiente do futebol, talvez seja essa a razão para poucos autores se aventurarem em definir estilos de jogo. O mais comum é a

¹ Para efeito de tabelamento e classificação, utilizamos a seguinte sistemática para identificação dos manuais: de 1n ao 21n, a listagem dos manuais nacionais; de 1e ao 21e, a listagem dos manuais estrangeiros.



5

constatação da dicotomia generalizante entre o *futebol-arte* e o *futebol-força*, ou então, o estilo vinculado à técnica individual ou ao esquema tático de jogo.

Nos manuais nacionais, encontramos, dentre os 21 analisados, apenas 5 se referindo à questão do estilo – 5n, 8n, 12n, 12n e 15n –, deste total, 4 definem estilo associado à técnica, sendo que todos eles não dispensam mais que alguns parágrafos para comentarem o assunto, alguns até não mais que poucas linhas.

O curioso é que, sempre se ouviu falar que a escola brasileira sempre teve um diferencial das demais escolas de futebol. Mas de fato, ao analisar a estrutura e forma de abordagem dos manuais, tanto os nacionais quanto os estrangeiros, não se encontra diferenças substanciais com as quais se possa afirmar que, uma ou outra característica do treinamento brasileiro, é o que tornará o jogador brasileiro diferenciado dos demais. A escola brasileira aparece como demanda jamais realizada.

Recentemente, a CBF a *Escola Brasileira de Futebol (EBF)*². Os objetivos da EBF são muito gerais e nada dizem a respeito do estilo nacional. Apesar da denominação de *Escola Brasileira de Futebol*, ao navegar pelo site da mesma, pouca informação é disponibilizada a respeito de formação de atletas de futebol, não há referências a material didático e o estilo nacional, não é mencionado.

Em dezembro de 2006, Carlos Alberto Parreira, inaugurou um centro de treinamento de futebol, na cidade do Rio de Janeiro, chamado *Brazilian Football Academy (BFA)*, para ensinar estrangeiros, de 8 a 16 anos, segundo as palavras de Parreira, “a magia do Brasil”. Em entrevista “Existe no mundo um interesse crescente sobre o segredo do futebol brasileiro e vamos tentar passar um pouco dessa magia”. Em consulta ao site da BFA, encontra-se a proposta que, segundo a BFA, é o *diferencial* do projeto em questão. Na verdade, o discurso se revela como uma peça publicitária que se apóia no reconhecimento de um estilo ou diferença do futebol brasileiro. São segredos que parece apenas poderão ser revelados àqueles que passem pelo centro. Contudo, se o estilo ou jeito brasileiro de jogar, se faz pelo somatório diferenças, como passar e ensinar este estilo (inato) aos estrangeiros em um curto período de tempo, de uma semana ou um ano, menor e maior períodos propostos para programas de treinamentos da BFA?

² Acesso ao link da EBF pelo site <http://cbfnews.uol.com.br>.



6

Quanto aos manuais estrangeiros, não há referências ao estilo vinculado à técnica Individual, quando o fazem, o definem como uma forma de jogo derivada do sistema tático adotado.

O ESTILO DE JOGO VINCULADO AO SISTEMA DE JOGO

Quando se relaciona estilo de jogo ao esquema tático de uma equipe, dos manuais nacionais, apenas Drubscky (2003) se aprofunda no assunto e tece suas considerações, baseando-se nos esquemas adotados nas últimas décadas, pelos clubes brasileiros e também pela seleção do Brasil de futebol, o 4-4-2. O autor coloca que os sistemas táticos modernos evoluíram desde a sua origem e chegaram a um ponto em que se estabilizaram, deixando como herança “... um estilo novo de jogar – muita competitividade e disputa pelos espaços do campo”. (Idem, 2003) Mais adiante ele diz que o apogeu do 4-4-2 brasileiro aconteceu com a conquista da Copa do Mundo, em 1994. Para Drubscky, nos últimos anos, o futebol brasileiro tem caminhado para a adoção do sistema 3-5-2 para corrigir deficiências defensivas do 4-4-2.

Por fim, Drubscky se refere ao estilo do jogador brasileiro como possuidor de uma capacidade de retenção da bola, como uma das diferenças que marcam a escola brasileira em relação à maioria de seus concorrentes internacionais.

As abordagens dos manuais estrangeiros sobre o estilo se alinhavam pela questão tática. Sobre o assunto, pouco se escreveu nos manuais consultados, apenas duas referências; Ekblon (1999) e Bangsbo & Peitersen (2003). Ekblon, no capítulo em que fala sobre a evolução das táticas do futebol, discorre sobre a questão do estilo se referindo à disposição tática das equipes e cita algumas características de alguns estilos:

El estilo británico de juego se há aproximado al italiano/alemán, puesto que el primero intenta ahora jugar con una superioridad numérica en la defensa. Por consiguiente, la mayoría de los equipos que sieguen el estilo británico contemporáneo juegan con una línea de tres defensas contra los dos excelentes delanteros, con los medios extremos cubriendo a lo largo de las líneas de bandas y los delanteros interiores y el delantero centro retrasado responsables del área central del medio campo. (Ibidem, 1999, p. 39)

Dentre todos os autores que escrevem sobre estilo de jogo, Bangsbo & Peitersen (2003) são os que dedicam um espaço maior em seu livro sobre o assunto. No capítulo



7

sobre métodos de jogo, os autores descrevem estilos diferenciados de defesa, ataque e por fim, descrevem alguns estilos de jogo com relação a algumas escolas de determinados países e continentes.

Para os autores, o estilo sul-americano é um futebol bailado e que tem como ponto de referência, nesta parte do continente, o futebol brasileiro.

El método de juego brasileño se caracteriza por un cambio imprevisto entre un tratamiento del balón lento, suave y desenfadado, con una velocidad de paseo, y por otra parte explosiones de corta duración en las cuales se realizan pases únicos, dinámicos y con efecto hacia el área de penalti contraria. Incluso en la fase de creación de la jugada de gol se intenta en muchos momentos representar pequeñas piezas de fútbol artístico [...] En otros países de Sudamérica se puede encontrar una variante del método brasileño, el llamado “estilo cabina telefónica” (Idem, 1999, p. 276 - 7)³.

Basicamente, podemos dizer então que continua sendo um tema ainda pouco explorado na literatura acadêmica. Dos 38 autores consultados, apenas 07, entre brasileiros e estrangeiros, escreveram sobre as questões que envolvem o estilo de jogo. Os brasileiros: Araújo (1976), Santos (1979), Leal (2001), Santos Filho (2002) e Drubscky (2004) e os estrangeiros: Ekblom (1999), Bangsbo & Peitersen (2003). Eles pesquisaram e relataram seus resultados na tentativa de elucidar um ponto que ainda, de certa forma, parece ser uma incógnita, a construção do estilo de jogo e as formas a serem trabalhadas.

IMPROVISACÃO E CRIATIVIDADE

Improvisação e criatividade são temas presentes na literatura futebolística brasileira e, não raro, na estrangeira quando se referem ao futebol brasileiro. Esta parece ser sem sombra de dúvidas uma marca distintiva do futebol brasileiro, reconhecida em outros cenários por especialistas do futebol, como já constatamos nas afirmações de Bangsbo & Peitersen (2003, p. 276 -7) ao definirem o estilo de jogo brasileiro.

³ Os autores definem “estilo cabina telefónica” como uma estratégia utilizada pelas equipes em atrair os adversários para seu campo de defesa, 2 ou 3 jogadores, em um pequeno espaço do campo, (cabine telefônica) e depois de se desvencilhar da marcação, se lançam ao ataque no espaço criado na defesa adversária com o deslocamento desses jogadores.

8

Contrariamente, à literatura brasileira dos manuais, que apregoam o treinamento de situações imprevisíveis, os russos, manual 3e, preconizam o treinamento no sentido de se evitar as situações imprevistas do jogo de futebol (GOLOMAZOV & SHIRVA, 1996).

Apesar de serem definidos como um futebol de jogadores e times pragmáticos, os ingleses também são adeptos do treinamento das situações imprevistas do jogo, trabalhadas conjuntamente com o desenvolvimento do jogo inventivo para melhoria dos seguintes itens: aumento da confiança; familiarização com as situações de dificuldades no jogo para serem encaradas como normais e, por último, melhora na atitude nas tomadas de decisões em favor de se enfrentar o risco (HUGHUES, 1994).

Usualmente, os autores brasileiros escrevem sobre improviso e criatividade em situações casadas no desenvolvimento da técnica e da tática de jogo. Por outro lado, existe uma linha de autores, encabeçada por Freire (2003) e sua proposta de pedagogia para o futebol e, também na mesma linha, Scaglia (1999 e 2006) que propõem que a criatividade seja trabalhada, conjuntamente, com os exercícios para o desenvolvimento da técnica no método global:

Na tabela a seguir, estão quantificadas as referências feitas pelos autores, sobre a importância de se incentivar e trabalhar o “improviso e a criatividade”.

Tabela comparativa da quantidade de referências sobre o tema entre os autores		
	Quantidade de Referências	
	Manuais Nacionais	Manuais Estrangeiros
Improvisação e criatividade	10	03
Total analisado	21	21

COMPARATIVA DE MANUAIS COM REFERÊNCIAS AO IMPROVISO E CRIATIVIDADE



9

Como se pode observar, o quantitativo de referências ao tema, entre os autores brasileiros, ultrapassa, e muito, os estrangeiros e alcança uma proporção significativa entre os manuais nacionais.

Improvisar parece ser lugar-comum no futebol brasileiro, pois, segundo os vários autores, este é o princípio de liberdade de ação e inventividade que permite ao jogador dar, de pronto, resposta satisfatória a uma proposição repentina e incomum do jogo. Leal (2001) coloca que, o improviso deve ser treinado à saciedade: “Para tanto, a liberdade de expressão no dia-a-dia do trabalho, liberdade sem limites, mas com responsabilidade, é a ‘varinha de condão’, que soluciona tal aparente contradição, treinar e aperfeiçoar o imprevisto”. Mais adiante em seu livro, o autor, ao que parece entusiasmado em falar sobre criatividade, num arroubo e fazendo uso da sua própria criatividade, segue tecendo loas às qualidades e capacidades dos brasileiros.

Por fim, como um último exemplo de tratamento sobre o improviso e criatividade no futebol, tomaremos a teoria de Frisselli & Mantovani (1999), sobre objetivos e metodologia do treinamento tático:

Apesar do que expomos sobre automatização de um perfil tático, tão necessário ao sucesso de uma equipe de futebol, jamais devemos esquecer que a IMPROVISACÃO e a CRIATIVIDADE devem sempre ser incentivadas, principalmente nas categorias formativas. O futebol deve ser um espetáculo de arte, em que a organização tática deve favorecer o aparecimento do talento, não sufocá-lo. (FRISSELLI & MANTOVANI, 1999, p. 167, grifo do autor)

Fica uma questão com relação à tamanha importância dada ao improviso nos manuais nacionais. Seria, realmente, o improviso, aliado à capacidade técnica dos atletas brasileiros, o que define o estilo de futebol nacional? E, ao se enfatizar estas duas vertentes, nos treinamentos dos jovens aprendizes, estaria aí, então, sendo aprendido o estilo nacional de futebol?

A QUALIDADE TÉCNICA DENOMINADA “PRECISÃO” DE ACORDO COM OS MANUAIS.

Ser o mais preciso possível em qualquer situação, seja no esporte ou em qualquer outra atividade, é condição comum a todos os que executam tarefas. A busca da precisão é uma constante no treinamento de qualquer modalidade e, no futebol, não



10

poderia ser diferente. Mas, ao analisar os manuais desta pesquisa, apenas os russos enfatizam a necessidade de se criar parâmetros de controle de treinamento, no sentido de se avaliar a precisão e a sua melhora nos programas de treinamento, na formação do atleta de futebol russo. Para os autores russos, a “precisão” é entendida como a qualidade do movimento na execução dos fundamentos de futebol de forma precisa e decisiva. Desta forma, a precisão passa ser: “... o fator decisivo na escolha e orientação do jogador de futebol, durante todas as fases e etapas de sua formação e no desenrolar de sua carreira” (GOLOMAZOV & SHIRVA, 1996).

Para a escola russa, a precisão no futebol se tornou sinônimo de jogador de classe, de alto nível, sendo inclusive uma característica bastante relevante para a escolha dos melhores jogadores naquele país. Os autores citam ainda alguns exemplos de jogadores, com destaque para Platini, que se tornaram estrelas graças à predominância desta capacidade, (GOLOMAZOV & SHIRVA, 1996, p. 23).

Por outro lado, nos manuais nacionais, todos fazem alusão ao aperfeiçoamento das capacidades e habilidades técnicas, mas não mencionam a necessidade de se controlar, sistematicamente, a precisão nos treinamentos. Entretanto, apenas 2 manuais estrangeiros referem-se à precisão e os dois são manuais russos, o que pode indicar que, com relação ao estilo de jogo seja uma característica marcante da escola russa.

CONCLUSÃO

O presente estudo procurou identificar e analisar de que forma é construído o estilo de jogar do atleta brasileiro de futebol na formação do mesmo, segundo a visão dos manuais para treinamento. Foram analisados 42 manuais, sendo 21 brasileiros e 21 estrangeiros, na tentativa de se identificar de que maneira estes autores abordam as questões relativas ao estilo de futebol, suas definições e sugestões para o desenvolvimento do mesmo no cotidiano da formação do atleta nesta modalidade esportiva.

Para ampliar as possibilidades de compreensão sobre estilos e escolas de futebol, optou-se também pela utilização de manuais estrangeiros que serviram de objeto comparativo com os manuais nacionais quanto à compreensão dos autores



11

estrangeiros sobre as questões deste estudo, e também as proposições de temas a serem trabalhados com os atletas que pudessem sugerir uma forma em especial de se jogar. Desta maneira, as análises quantitativas e qualitativas dos conteúdos dos manuais, possibilitaram que as questões que nortearam este estudo pudessem ser respondidas, ajudando a dar luz ao problema em questão; No aprendizado dos fundamentos do futebol nas categorias de base é construído o estilo nacional de jogar futebol?

O que se pôde constatar é que os manuais brasileiros possuem algumas peculiaridades, mas o que se percebe é que estas peculiaridades não são declaradamente intencionais. De uma forma geral, todos se mostraram bastante singulares, inclusive os estrangeiros. Suas aproximações se dão em alguns temas e definições sobre o futebol brasileiro e o estrangeiro, em especial o europeu. As peculiaridades, no que tange à questão do estilo, acontecem em alguns casos na definição do mesmo, quando os autores enaltecem o modo do brasileiro jogar, e para tal, o fazem comparando e enaltecendo o estilo nacional em detrimento ao europeu. Desta forma, pode-se afirmar que tanto os manuais nacionais quanto os estrangeiros, possuem linhas gerais no que tange à necessidade de se treinar e aperfeiçoar, desde a formação até o mais alto nível profissional, as habilidades técnicas do futebol, mas sem dizer abertamente que ao fazê-lo, estarão se aprimorando em um estilo peculiar.

Pode-se afirmar também, que a questão do estilo, no caso específico desta pesquisa, não encontra sustentação nos mesmos. Mesmo com a questão do estilo estando presente em alguns deles, não há, nos mesmos, elementos capazes de sustentar teoricamente uma conduta prática que propicie por meio de sua aplicação, o desenvolvimento e, conseqüentemente, a manutenção de um estilo de futebol em especial, nem o brasileiro.

O que existe é uma predominância de alguns fundamentos preconizados pelos autores, fundamentos esses que conduzem às características reconhecidas e destacadas no jogador brasileiro. O domínio, a condução de bola, o drible, diferenciados da maioria dos estrangeiros, indica que dessa maneira, ao se dedicar mais tempo e atenção a estes fundamentos, esteja ali sendo trabalhado alguma parte do estilo brasileiro por serem essas também, marcas distintivas do estilo nacional.



As conclusões apontam também que, existe um discurso na literatura do futebol de que este estilo vem das ruas e da várzea. Porém, da mesma forma, e com a mesma frequência, repete-se que este estilo é proeminente de uma mistura de raça e das condições adversas enfrentadas pelo povo brasileiro em seu cotidiano que o torna mais capaz de criar algo diante das dificuldades. Dessa maneira, transportando para os campos de futebol, esta capacidade de improvisar, de criatividade. Mas o que fica de importante nesta questão é que em momento algum os autores conseguem determinar em caráter definitivo, as origens deste estilo, indicando assim o caminho para trabalhá-lo na formação do atleta.

Quando se fala em escola de futebol, se verifica que esta escola existe apenas no discurso. Mesmo existindo uma *Escola Brasileira de Futebol*, criada e mantida pela entidade máxima do futebol no país, ela se apresenta nos moldes de uma escola tradicional, ou seja, um **estabelecimento**⁴ onde se ministra um ensino coletivo e não uma doutrina, um sistema.

Quanto ao momento em que surge o estilo na formação do atleta, constatou-se que apenas Freire (2003) e Scaglia (1999; 2006), sugerem que ao se resgatar as brincadeiras de rua no treinamento dos jovens futebolistas, resgatará também o prazer em jogar. Quanto aos outros manuais não existe de forma deliberada, nenhuma sugestão em relação a se trabalhar em uma determinada direção para se aprimorar o estilo brasileiro de futebol, ainda que indiquem o trabalho com, basicamente, os mesmos fundamentos.

Um fato relevante é que nenhum dos manuais indica as cargas, ou seja, a quantidade de repetições necessárias para se atingir o nível técnico desejado, e nem poderia ser diferente. Desta maneira então, cada técnico de futebol, faz uso de sua leitura da realidade de trabalho e com esta base de informações, determina o que se treinar e o quanto se treinar. O que ocorre com estilo brasileiro é que ele é definido pela questão técnica dos jogadores, não pela parte física como, habitualmente, se diz do jogador europeu, conseqüentemente, não existe uma definição sobre o que se treinar, quando, de que maneira, nem o quanto se treinar para desenvolver e melhorar o estilo.

⁴ Grifo nosso



13

Por tudo que já foi exposto em nossas considerações, os manuais nacionais e também os estrangeiros, não deixam claro de que maneira deveria se conduzir um técnico de futebol que desejasse desenvolver em seus atletas um estilo de futebol. Sabe-se que isso seria possível desde que se reunissem as condições necessárias para fazê-lo, principalmente o tempo, mas que não há roteiro para se seguir.

Tendo assim, respondidos alguns questionamentos, pode-se afirmar que, a que a questão do estilo nacional está além das formas de trabalho indicados para a formação do atleta de futebol, como propõem os manuais, sendo esta uma questão mais complexa que as exposições encontradas nos manuais. Este estudo, ora apresentado, não teve também por intuito, negar ou demonstrar a não existência de um estilo, mesmo porque, para tal, seriam necessários outros estudos com olhares mais aprofundados sobre as várias vertentes, que podem contribuir para a construção e manutenção de um estilo de jogo.

Nossa proposta foi, uma vez identificadas as características do estilo nacional de futebol brasileiro, saber de que forma elas eram tratadas pelos manuais e se as mesmas são valorizadas e preconizadas para treinamento de atletas em formação com objetivo de se desenvolver, e desta forma se manter o estilo nacional de futebol. Sob esse viés, os resultados obtidos mostraram que algumas características que denotam no futebol brasileiro se encontram contempladas nos manuais, em especial as questões relativas à criatividade e o improviso, apontadas por muitos como as principais marcas do futebol brasileiro.

Quanto ao foco proposto, pode-se afirmar que apesar de se encontrarem descritas nos manuais, formas a serem trabalhadas nos treinamentos, os autores o fazem apenas sob o olhar técnico da questão. Não são apontadas como formas que, ao serem desenvolvidas, resultarão no estilo nacional de futebol. Estas formas são descritas pela imperiosa necessidade de se trabalhar e desenvolver as habilidades e qualidades necessárias ao jogador de futebol, em especial, aqueles que buscam o alto nível de competência.

Por ser considerado um emblema, uma tradição do futebol brasileiro, estudos posteriores poderão esclarecer os enigmas que circundam o estilo brasileiro, pois de alguma forma este ensinamento continua se processando. Esta pesquisa deixa evidente



14

a necessidade de que os estudos futuros possam trazer a tona, os saberes até então não registrados nos manuais sobre o estilo de futebol brasileiro, aí sim alcançar-se-á uma grande contribuição para pesquisadores interessados em se aprofundar nesta temática tão singular na cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

BANGSBO, Jens & PEITERSEN, Birger: Fútbol: jugar em ataque. Barcelona, editorial Paidotribo, 2003.

BAUER, Gerhard & UEBERLE, Heiner: Fútbol – Factores de rendimiento, dirección de jugadores y del equipo. Barcelona, Ediciones Martinez Roca, 1988.

BRHUNS, Heloisa Turini: Futebol, carnaval e capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas, Papirus, 2000.

BUSCH, Wilhelm: Fútbol em la escuela: Buenos Aires, Editorial Kapelusz, 1976.

CASTELO, Jorge Fernando Ferreira: Fútbol. Estructura y dinámica del juego. Barcelona, INDE Publicaciones, 1999.

DAMO, Arlei Sander: Bons Para Torcer, Bons Para se Pensar - Os Clubes de Futebol no Brasil e Seus Torcedores : In: Motus Corporis Vol. 5 Nº 2. Rio de Janeiro, Gama Filho, 1998.

_____, Arlei Sander: Futebol e Identidade Social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes: Porto Alegre, Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

DAOLIO, Jocimar (Org): Futebol, cultura e sociedade: Campinas, Autores Associados, 2005.

DIETRICH, KNUT: O FUTEBOL - APRENDIDO E JOGADO CORRETAMENTE. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1984.

DRUBSCKY, Ricardo: O universo tático do futebol – Escola brasileira. Belo Horizonte, Editora Health, 2003.

FERNANDES, José Luís: Futebol, da “escolinha” de futebol ao futebol profissional. São Paulo, EPU, 2004.

_____, José Luiz: Futebol: ciência, arte ou...sorte! Treinamento para profissionais – alto rendimento: preparação física, técnica e avaliação. São Paulo, EPU, 1994.



FILGUEIRA, Fabrício Moreira: FUTEBOL: Uma visão da iniciação esportiva. Ribeirão Preto, Ribergráfica, 2004.

FREIRE, João Batista: Pedagogia do Futebol. Campinas, Autores Associados, 2003.

FRISSELI, Ariobaldo & MANTOVANI, Marcelo: Futebol: Teoria e Prática. São Paulo, Phorte, 1999.

GAREL, Frédo: LA PRÉPARATION DU FOOTBALLEUR: L'école de football – Le perfectionnement. Paris, éditions Amphora, 1980.

GODIK, Mark Alexandrovich: Futebol: Preparação de futebolistas de alto nível. Tradução: Antonio Carlos Gomes & Marcelo Mantovani, Londrina, Editora Grupo Palestra Sport, 1996.

GOLDGRUB, Franklin: Futebol: Arte ou Guerra? Elogio ao drible. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1990.

GOLOMAZOV, Stanislav & SHIRVA, Boris: Futebol: treino de qualidade do movimento para atletas jovens. Adaptação técnica e científica: Antonio Carlos Gomes, Marcelo Mantovani – 1ª Ed. – São Paulo: FMU, 1996.

GOMES, Antonio Carlos: Treinamento Desportivo: estruturação e periodização. Porto Alegre, Artmed, 2002.

_____, Antonio Carlos: Treinamento Desportivo: Princípios, Meios e Métodos. Londrina, Editora Treinamento Desportivo, 1999.

GRACIANO, Waldemar: A Arte e a Técnica do futebol. São Paulo, Roswitha Kempf, 1984.

HAMILTON, Aidan: Um Jogo Inteiramente Diferente! Futebol: A maestria Brasileira de um Legado Britânico. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr.; Cezar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; SOARES, A. Jorge e LOVISOLO, Hugo: Mídia, Raça e Idolatria. A Invenção do País do Futebol. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

HEDDERGOTT, Karl – Heinz: Fútbol: Del aprendizaje a la competencia. Buenos Aires, Editorial Kapelusz, 1978.

HUGUES, Charles: The Football Association: Coaching Book of Soccer Tactics and Skills. London, A Queen Anne Press Book, 1994.



16

LEAL, Julio César: Futebol, arte e ofício. Rio de Janeiro, 2ª edição, Sprint, 2001.

NEGREIROS. Plínio Jose Labriola de C: Contruindo a Nação. Futebol nos anos 30 e 40. In: Motus Corporis: Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, Vol. 5 – N 2, 1998.

NETO, José Moraes dos Santos: Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

PENNA, Leonam: Dicionário Popular de Futebol. O ABC das arquibancadas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda: Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

PRATES, Udelton Arques: Futebol Infanto-Juvenil: preparação de atletas para testes. São Paulo, Musa Editora, 2005.

REALE, Sérgio: Guerreiro da Bola: Estratégias e táticas no futebol. Rio de Janeiro, Shape, 2006.

SANTOS FILHO, José Antunes dos: Manual de Futebol. São Paulo, Phortes Editora, 2002.

SCAGLIA, Alcides José: O futebol que se aprende e o futebol que se ensina. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SOARES, Antonio Jorge G.: Malandragem no Gramado: o declínio de uma identidade. Dissertação de Mestrado em Educação Física da UGF, Rio de Janeiro, 1990.

_____, Antonio Jorge G: Futebol raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial. Tese de Doutorado apresentada Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

_____. Antônio Jorge G; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A construção histórica do estilo nacional. In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas, v. 25, nº 1, Autores associados, 2003.

TORRELLES, Alex Sans & ALCARAZ, César Frattarola: Escolas de Futebol. Manual para organização e treinamento. Trad. Vicente Molina Neto, - 3. ed- Porto Alegre; Artmed, 2003.

TRINIDAD, Milton: Futbol, ¿Solo habilidad? Barcelona, Editorial Hispano Europea, 1975.

VENLIOLES, Fabio Motta: Escola de Futebol. Rio de Janeiro, Sprint, 2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

17

WEINECK, Jorgen: Treinamento Ideal. São Paulo, Manole, 1999.